



## EDITORIAL

O presente número 16 da *Revista Encontros com a Filosofia (EnFil)* vem à público poucos dias depois de o país atingir a triste marca de 700 mil mortos pela COVID-19. Se, por um lado, a pandemia da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 apresentou uma rápida velocidade de contágio e significativa taxa de mortalidade, por outro, a descoordenação do enfrentamento à epidemia por parte do Governo Bolsonaro, os ataques às iniciativas de governadores e prefeitos, a insistência em “curas milagrosas” com o intuito de desacreditar a necessidade de distanciamento social e a demora na compra de vacinas agravaram um cenário de dificuldades sanitárias, sociais e econômicas.

Um dos setores mais impactados pelas consequências da pandemia e de seu enfrentamento equivocado foi a Educação, em especial nas escolas públicas, embora não apenas. Por qualquer ângulo que se queira olhar, os efeitos foram graves: no aprendizado dos estudantes, nas condições de trabalho de docentes e dos setores de apoio nas escolas, na saúde mental de alunos, profissionais da educação e de pais e familiares, na perda de vidas humanas vinculadas ao trabalho pedagógico etc. Também no caso da Educação, a falta de coordenação nacional, de diagnósticos centralizados e de ações por parte do governo federal pesou para agravar uma situação adversa.

O vácuo pedagógico criado pela ausência de iniciativa do Ministério da Educação impeliu as secretarias municipais e estaduais de Educação a buscarem soluções por conta própria. Via de regra, depois de um período mais ou menos longo de expectativas em relação ao fim da pandemia, de avaliações e decisões difíceis (ao longo dos meses de outono e inverno de 2020), as escolas das redes públicas pelo país aderiram ao ensino à distância, muitas das vezes chamado de “ensino remoto”. Muitos dos textos que compõem este dossiê abordam justamente algumas iniciativas de secretarias de educação pelo país na implementação desta modalidade ensino.

Por certo, as dificuldades de implementação do ensino remoto foram diversas, em especial quando se considera o caso das escolas públicas. Escassez de verbas para a implementação de sistemas com um mínimo de viabilidade pedagógica; dificuldades para encontrar os alunos; inadequação dos

equipamentos necessários para a modalidade, em especial por parte das famílias dos estudantes – muitas das vezes de baixa renda, sem computadores nem internet de boa qualidade na residência; dificuldades econômicas e sociais vivenciadas nas casas dos alunos, que acabavam por secundarizar a importância da educação, desmobilizando alunos e responsáveis, entre outros problemas.

Do ponto de vista pedagógico, a situação de trabalho dos docentes foi dificultada enormemente. É bem sabido que o conhecimento da turma por parte do docente é fundamental para um planejamento adequado das atividades, tendo em vista uma relação de ensino-aprendizagem bem-sucedida. Contudo, a pandemia ocorreu nas primeiras semanas do ano letivo, não permitindo a consecução de um tempo adequado para os professores conhecerem as turmas – que foi seguido por um período geralmente longo sem atividades de ensino, afastando ainda mais os docentes dos alunos. Somado a isso, ocorreu, por parte de algumas secretarias de educação, a compra de plataformas privadas de ensino à distância, que traziam concepções pedagógicas fechadas, com apostilas e atividades pré-programadas, desconsiderando a autonomia docente e as necessidades dos alunos.

Contudo, se as dificuldades foram enormes, não faltaram iniciativas por parte dos profissionais da Educação no sentido da busca pela oferta de um ensino de qualidade e de um acolhimento aos estudantes e às famílias, diante da adversidade do momento. Sindicatos de docentes e técnicos da área educacional procuraram mobilizar suas categorias para o debate acerca das condições pedagógicas do ensino remoto, criticando modelos ineficazes e custosos ao erário público e propondo alternativas que, simultaneamente, procuravam salvaguardar boas condições sanitárias.

Através do Dossiê “Educação na Pandemia”, publicado neste número, a *EnFil* procura abrir espaço para que pesquisadores e pesquisadoras da Educação em todo o país possam contribuir para as reflexões acerca das práticas educativas realizadas durante o duro período pandêmico. As consequências da pandemia da COVID-19 na Educação ainda se fazem sentir pesadamente, e provavelmente continuarão reverberando pelos próximos anos – sobretudo em termos das defasagens de ensino em razão dos limites do ensino remoto. Conhecer bem o período nos ajudará a enfrentar os problemas relacionados à mitigação dos efeitos da pandemia na área.

A importância desta temática é tamanha, que a chamada da *EnFil* para o Dossiê “Educação na Pandemia” recebeu uma quantidade de artigos científicos de ótima qualidade que não cabem em apenas um número. Assim sendo, a próxima edição da *Revista Encontros com a Filosofia* publicará mais dezenas artigos dentro da temática do presente dossiê.

Desejamos uma ótima leitura, não apenas do Dossiê, mas dos demais materiais publicados no presente número, que incluem artigos de temas diversos, resenhas e entrevistas.

Os Editores

Luiz Augusto

Reginaldo Costa

Rodrigo Gomes